

A IDENTIDADE CULTURAL NO CONTEXTO DA CARTOGRAFIA ESCOLAR

¹ Thiago Luiz Calandro
² João Pedro Pezzato

RESUMO

Em um mundo globalizado, faz-se cada vez mais necessário estudar as identidades regionais e locais no intuito de promover sua valorização e formar cidadãos atuantes em todas as escalas espaciais. Nesse contexto, a pesquisa em andamento realiza uma discussão onde se aproxima a identidade com representações espaciais realizadas pelos alunos do ensino fundamental do município de Jaguariaíva, Paraná, Brasil. Assim, nesse trabalho, é proposto discutir os referenciais teóricos de trabalhos com a identidade e representação cartográfica. As identidades culturais são tratadas como instância de produção de sentido a respeito dos espaços de vivência. As relações entre ensino formal, em especial o currículo selecionado pela geografia escolar, e os saberes da experiência vivida, podem contribuir para o estudo das referências e horizontes espaciais dos moradores das regiões urbanas e rurais. Essa perspectiva é proposta como discussão que visa a contribuir para o avanço das reflexões a respeito da relação entre a cartografia escolar e a produção de sentido de pertencimento a diferentes localidades.

Palavras-chave: Identidade Cultural, Cartografia Escolar, Geografia Escolar.

¹ Mestrando Cartografia Escolar pela UNESP – Rio Claro. Email: thiagolcgeo@gmail.com

² Professor Doutor pela UNESP - Rio Claro. Email: jpezzato@rc.unesp.br

Identidade Cultural no contexto da Globalização

As identidades nacionais são constituídas na interação com o contexto cultural, fruto de nossas relações sociais determinadas histórica e espacialmente. Contudo, essas relações são mediadas por diversos fatores fundamentais para sua formação. Hall (2003) identifica uma identidade cultural global, mediada por meio do capitalismo, e outra nacional, regional ou local, mediada por memórias, experiências, rituais e tradições. Tais dimensões da identidade, dadas pelo contexto do sistema de produção e pelas experiências vividas, criam imagens e representações que agem e se influenciam simultaneamente de forma articulada em uma mesma temporalidade, constituindo uma identidade cultural particular.

O conceito identidade cultural, que é um conceito vinculado a de modernidade, globalização e a ideia de estado-nação. Essa forma de pensamento, que determinou a conceituação e divisão das relações da sociedade com o espaço, provocou, também, a criação do conceito de "espaço" como algo exterior ao "lugar". Assim, o "lugar" passou a ser concebido como algo específico, determinado e familiar, sendo ele o espaço em que se dá a relação da cultura com o espaço (MASSEY, 2008 p. 104).

Para Massey (2008), o espaço é palco do social e do político, onde temos nossas relações, em que elas (as relações) e o espaço estão em permanente construção e reconstrução. Mesmo seguindo uma herança filosófica construída temporal e espacialmente, sugere múltiplas representações em um único desenvolvimento temporal, provocando uma forma muito particular de poder e conhecimento. Nessa perspectiva, as representações do lugar podem agir para a formação de identidades simultâneas em ritmos diferentes, como aponta Hall (2003), ao discutir o sujeito pós-moderno:

O sujeito assume identidades diferentes em diferentes momentos, identidades que não são unificadas ao redor de um 'eu' coerente. Dentro de nós há identidades contraditórias, empurrando em diferentes direções, de tal modo que nossas identificações estão sendo continuamente deslocadas (p. 10).

Nesse sentido, o processo de globalização não integra o mundo de forma uniforme, provocando "geometrias" globais, do espaço e do poder, mediadas por uma política de especificidade, que considere as diferentes relações sociais e a

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procopio.**

intensidade da inserção do lugar no espaço global (MASSEY, 2008, p. 154).

Existem sociedades menos e mais integradas à globalização. O processo de articulação entre identidades locais com a global também varia. Hall (2003), apoiado em Ernest Laclau, explica a articulação das sociedades que estão menos inseridas no processo de globalização, no qual se refere a elas como "sociedades da modernidade tardia" (p. 17).

As culturas nacionais, regionais e locais são influenciadas pela cultura global em dois sentidos. Primeiro, reflete-se a cultura global como "intrusa", o consumismo ou a cultura artística e intelectual "vindas de fora". A segunda são as culturas nacionais, regionais ou locais específicas de um país espalhadas pelo mundo (HALL, 2003).

As identidades nacionais surgem de nossa interação com a cultura, sendo formadas e transformadas no interior da representação. Hall (2003, p. 57) define a identidade nacional como uma comunidade simbólica, tomando mais poder após a instalação do estado-nação com as sociedades modernas.

As identidades nacionais são construídas a partir da memória, representação, imagens e símbolos que refletem seu passado e presente. Assim, o autor em questão, define a identidade nacional como "uma comunidade imaginada" (HALL, 2003, p. 51).

Hall (2003, p. 58), fundamentado em Timothy Brennan, concebe a nação tanto como instância vinculada ao conceito moderno de estado-nação quanto ao de local, ao domicílio, algo ligado ao pertencimento. Dessa forma, identidade nacional se refere a todas as identidades desenvolvidas em uma nação, em todas as escalas espaciais. Tais identidades são formadas por meio de três conceitos: as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança.

Na relação da identidade cultural global com a local, necessária para compreender a influência do estudo da identidade com o "lugar" como conceito geográfico. Na argumentação para explicar que não ocorre o domínio do global sobre o local, Hall (2003, p. 77, 78), apresenta três qualificações para justificar. A primeira, fundamentada em Kevin Robin. Há uma fascinação pela diferença, com a mercantilização da etnia e alteridade, tendo um novo interesse pelo o local. Desta forma, ocorre uma nova articulações, forma de pensar e identificações entre o global

e o local. A segunda, é que a globalização não causa impacto do globo da mesma forma. Este argumento está relacionado as "geometrias do poder" de Massey (2008). E a terceira, o que é mais afetado pela por ela. Uma vez que a direção do fluxo da globalização é desequilibrada, e que apresentam relações diferentes do poder cultural entre o "Ocidente" e o "Resto" do mundo.

Esse processo de articulação entre culturas globais e locais provocam, segundo Hall (2003, p. 95), um hibridismo cultural, em que a cultura local existe, mas não tem as relações enraizadas com a localidade bem limitada. Nesse sentido, existem múltiplas identidades em constante articulação, uma se interconectando à outra, a todo momento, conforme o tempo e o espaço.

A identidade Cultural no contexto da Memória

A memória tem uma importância fundamental na construção da identidade cultural do indivíduo, pois as lembranças estão inteiramente interligadas a ela. Como aponta Lowenthal (1998 p.83): "Relembrar o passado é crucial para o nosso sentido de identidade: saber o que fomos confirma o que somos."

Para Candau (2012) construímos nossa identidade por meio da memória das seguintes formas: a primeira está relacionada as nossas experiências, algo interior, subjetivo; a outra está relacionada ao mundo social, as memórias coletivas e as imagens que construímos em grupo. Para o autor, criamos nossa identidade quando enquadramos nossa memória com o passado.

A identidade formada e transformada através do tempo, fazem suas relações de trabalhos de si para si mesmo de três formas diferentes: a primeira do passado, das lamentações, avaliações, recordações entre outras; a segunda do presente ou da ação, absorvida num presente sempre evanescente; e a terceira, a da espera, aquela dos projetos, das promessas, das resoluções, sempre engajada no futuro (CANDAU, 2012 p. 60). Quando realizamos essa atividade mental, lembramos dentro de um "cenário organizado", (Bartlett, 1932), que remete a um contexto específico de lembranças, espaços e discursos.

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procopio.**

Conforme vamos vivendo novas experiências, reinterpretamos fatos. Assim fazemos uma atualização de nossa memória, logo de nossa identidade. Essa atualização considera os “quadros sociais”, proposto por Halbwacsh (1990), em que consideramos a nossa posição no grupo atual, a memória e o esquecimento. É Nesse sentido que o individuo ordena o mundo, manifestando suas intenções e interesses, conferindo-lhe sentido (CANDAU, 2012 p.61).

A relação entre memória e identidade está na ligação do passado com o presente. Sobre o olhar da psicologia social, a memória é considerada um local de negociação de identidade pessoal e ordem social (MIDDLETON e BROWN, 2006 p. 73).

No entanto, o esquecimento faz parte da constituição do sujeito. Lowenthal (1998 p. 83) coloca: “A perda de memória destrói a personalidade e priva a vida de significado”, o que influi diretamente na formação da identidade. Quando esquecemos, abrimos a porta para à imaginação na reconstrução do passado. Assim, a reinterpretação do passado modifica nossa identidade. Nesse sentido Lowenthal (1998 p. 87) afirma que: “o ritmo e a finalidade da mudança impedem uma visão consistente de si mesmo fundamentado na memória”, o que também influencia na construção da identidade, o que se potencializa em um mundo globalizado.

A construção de nossa identidade ocorre na imagem que passamos para os outros, no que os outros falam de/para nós e de como interpretamos o discurso passado, em uma construção mental individual e coletiva.

Isto é, a imagem que uma pessoa adquire ao longo da vida referente a ela própria, a imagem que ela constrói e apresenta aos outros e a si própria, para acreditar na sua própria representação, mas também para ser percebida da maneira como quer ser percebida pelos outros. (POLLAK, 1992, p.5)

Para Pollak (1992, p. 5), a construção da identidade insere a três elementos essenciais. O primeiro é ter fronteiras físicas (são exemplos: o espaço de pertencimento ao grupo, o corpo da pessoa), o sentido moral e psicológico (são exemplos: valores, discurso e pensamento), e por fim, o sentimento de coerência “de que os diferentes elementos que formam um indivíduo são efetivamente unificados”.

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procópio.**

Ainda Pollak (1992, p. 5), ninguém é capaz de fazer uma autoimagem de si, sendo o "Outro" que exerce um papel fundamental na construção da identidade.

A construção da identidade é um fenômeno que se produz em referência aos outros, em referência aos critérios de aceitabilidade, de admissibilidade, de credibilidade, e que se faz por meio da negociação direta com outros.

Braga e Smolka (2008, p. 23), utilizando um referencial Backtiniano, explica esse fenômeno. Para as autoras, a imagem que temos de nós se faz na relação da imagem que os outros têm de nós. Desta forma, a memória e a imagem dos outros possibilita ao "acabamento estético do sujeito". As imagens e as autoimagens são formadas em uma memória historicamente construídas, pautadas na posição do grupo e nas práticas sociais. Nesse sentido, a identidade é pautada na memória, que é regulada em um funcionamento coletivo, discursivo e ideológico. Assim, todo esse processo de construção de identidade ocorre por meio da narrativa.

Para Larrosa (2004, p. 17), os acontecimentos de nossa vida são precedidos por uma ordem e um sentido, e a forma que os articulamos e os interpretamos em nossa vida tem uma sequencia significativa. Nesse contexto, constituímos a trama de nossas vidas, onde acontece nossa continuidade e descontinuidade. Nesse sentido, nossa conduta é construída de acordo com os acontecimentos que nos moldam, não ao contrário. Por isso, responder "quem nós somos?" só pode ser respondido contando uma história, trazendo consigo ideologia, memória coletiva, valores, entre outros.

Na perspectiva de Michel Foucault, os lugares sociais tem um papel fundamental na construção do sujeito por meio do controle social e das relações de poder. Por meio das regras, punições, repressões, relações condicionantes, eles permeiam a imaginação e o discurso, faz com que o pensamento da pessoa as "orbitem", tendo uma significativa contribuição na construção da identidade do sujeito (LARROSA, 2004).

Nesse sentido, a construção da identidade se da por meio dos acontecimentos em nossas vidas, da forma que os "Outros" nos interpretam, da forma que nos interpretamos as interpretações dos "Outros", da imposição dos

lugares, instituições sociais e de uma cultura global. Esse contexto é complexo e construído histórica e culturalmente. Assim, entender "quem nós somos?" não é uma questão de descoberta e correção, mas sim, uma questão de formação e transformação.

A Cartografia Crítica e Identidade

A cartografia crítica nasce do questionamento a respeito do uso que se faz da linguagem hegemônica empregada pela cartografia moderna. Faz um questionamento do mapa, entendido como produto cultural que emprega uma linguagem específica que veicula informações de forma generalizada. Se apresenta com aparente horizontalidade e suposta neutralidade. Os mapas da cartografia acadêmica, por meio da técnica e do método, têm sido empregados pelo estado para monitorar e controlar informações do território (MASSEY, 2008).

Abordando as relações de poder de Michel Foucault, Crampton e Krygier (2008) fazem uma análise da cartografia acadêmica nas últimas décadas. Para esses autores, o uso de softwares e tecnologias de mapeamento vem, na transição tecnológica ocorrida recentemente, sendo difundido entre não cartógrafos. Esse fato acarretou em uma democratização da informação do mapa cujos desdobramentos mobilizaram outros campos do conhecimento, como os advindos da teoria social. Assim, a cartografia torne-se um instrumento político e de contestação do estado, como colocam Crampton e Krygier (2008, p.85)

Pode-se esperar que um crítico da política do mapeamento enfraqueça o poder do mapa e trabalhe contra a transição que põe os mapas nas mãos de um número maior de pessoas. Mas o exato oposto tem ocorrido. Se o mapa é um conjunto específico de assertivas de poder e conhecimento, então não apenas o Estado como outros poderiam fazer afirmações concorrentes e igualmente poderosas.

Em um estudo histórico da cartografia, Harley (1991) mostra as diferentes maneiras de representação do espaço e de localização desenvolvidos por diferentes sociedades. Todos os mapas apresentam traços culturais muito característicos dos povos que os produziram. Ao mesmo tempo, representam fatos da superfície terrestre com muita eficiência. Para Harley (1991 p.15) os mapas, independentes da

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procopio.**

cultura, combinam o objetivo com o subjetivo, a prática com os valores, o mito com o fato comprovado, a precisão com a aproximação, "sendo o mapa uma imagem mental".

Nesse contexto de crítica a cartografia ocidental, Harley (2005) propõe uma epistemologia cartográfica a partir da teoria social, buscando alicerces na análise de discurso, com bases nas contribuições de Michel Foucault e na textualização e desconstrução de Jaques Derrida. Os mapas seriam formas de poder e conhecimento a respeito de um determinado espaço analisados a partir do contexto em que foram produzidos. Assim, Harley (2005 p.188) aponta para o problema da imposição de uma única forma de pensar sobre os mapas. Para o autor, esta imposição causa um fenômeno chamado "esquizofrenia ontológica" nos cartógrafos que influencia também quem lê seus mapas feitos por eles.

Dentro desse contexto, Anderson (2008, p. 226) comenta sobre as consequências dos mapas.

Aos poucos localidades como Cairo e Meca deixaram de ser vistas somente como simples localidades numa geografia muçulmana e passaram a ser pontos em folhas de papel que incluíam outros pontos como Caracas, Paris e Moscou. A relação plana entre estes pontos não tinham relação com a importância real destes lugares e sim determinada matematicamente.

Para Harley (2005), mapas são representações do espaço socialmente construídas que trazem características culturais de tempos e espaços específicos. Para isso, é necessário que, ao fazermos a leitura de um mapa, conheçamos o contexto do cartógrafo, de outros mapas e da sociedade (HARLEY, 2005 p. 64). As características sociais, em tempos e lugares específicos, influem na interpretação do espaço e dos fenômenos representados. Assim, o indivíduo sofre influência sobre a forma de pensar em relação ao espaço. Por isso, existem mapas de uma mesma localidade com representações distintas umas das outras.

Nesse sentido, o mapa, na interface da teoria social, tornou-se uma forma de expressão de mundo pelos indivíduos e grupos. No âmbito da Cartografia Escolar, Oliveira Jr. (2012), propõe uma cartografia onde o mapa seja forma de expressão do indivíduo em relação ao espaço e não apenas uma forma de comunicação. Assim, expressamos nossas visões de mundo, inserimos no mapa nossa cultura, o que

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procopio.**

contrapõe à visão do mapa continental (visão do estado) e da ênfase a o mapa ilha (outras formas de mapas). Girardi (2012) fala em um mesmo sentido, conceituando os mapas maiores (do estado) e dos mapas menores (mapas alternativos). O pensamento de contraposição entre os mapas surge no momento em que espaços, tempos e indivíduos passam por mudanças o tempo todo, constituindo várias realidades, logo criando imaginações e impressões sobre os espaços. Assim, os mapas como forma de expressão, são instrumentos de exame das micro-relações de poder e política no espaço (FOUCAULT, 1977).

Fazendo uma análise de vários estudos sobre cartografia, Perkins (2004) propõe uma cartografia etnográfica. Analisando pesquisas de mapeamentos participativos de sociedades tradicionais, como por exemplo, povos nativos canadenses, japoneses e chineses, chegou à conclusão que o mapeamento foi resultado de processos materiais ou culturais, ao invés de focar em cima de artefato ou representação. Assim, as experiências cotidianas nos lugares e o papel das práticas de conhecimentos e do mapeamento, contribuem na construção da identidade.

As análises dos mapas tem que superar a visão técnica, temos que imaginar nele o espaço geográfico e as relações humanas existentes. Como propõe Pickles (2004, p. 12), temos que nos preocupar menos em mapear o objeto e nos preocupar mais como esses objetos nos fazem sentido e produzem identidades. Nesse sentido, o mapa toma um novo sentido, como esclarecem Crampton e Krygier (2008, p.89) "Mapas são ativos; eles constroem ativamente o conhecimento, exercem poder e podem ser poderosos meios para promover a transformação social."

Wood (1993) analisa mapas mentais feitos por crianças. Na medida em que o pesquisador perguntava sobre o quê estava representado no esboço, as crianças narravam uma história que dá sentido a toda construção do seu mapa mental. **(relacionar com larrosa, 2004)**

Pearce (2008, p. 1), em um mesmo sentido, utiliza a narrativa como uma linguagem para desenvolver o sentido de pertencimento no conceito de lugar. Para a autora, a semiologia gráfica utilizada na cartografia acadêmica dá conta de representar apenas o espaço, mas não de representar o lugar (visto como conceito geográfico), visto que a forma de mapeamento desconsidera a experiência, a

memória e história do lugar.

Com a desconstrução do mapa proposta por Harley (2005), pesquisadores de cartografia veem utilizando novas estratégias como artefatos antigos, sons, fotografias e imagens. Pearce (2008, p. 2) afirma que:

Cada vez mais, no entanto, geógrafos estão discutindo a necessidade de linguagens cartográficas expandidas capazes de recriar a multiplicidade de experiências, teia de narrativas, e diversidade epistemológica e ontológica de geografias históricas e culturais. Estas novas estratégias digitais incluem o uso das dimensões da cor para codificar a emoção, a publicação das notícias diretamente no mapa, o ajuste do ângulo de visão para remover a "visão de lugar nenhum" da perspectiva ortogonal, e a expansão do som variável . (tradução nossa)

A semiologia gráfica de Jaques Bertin é fundamenta em signos, cores, escalas e convenções, sendo a "gramática" na escrita e leitura do mapa. Abordando as reflexões de Olson (1997), o alfabeto consegue fazer a relação entre o que se fala e o que se escreve. Contudo, não consegue descrever de forma completa, a entonação na relação do que se fala e escreve como que se pensa. Muito do sentimento inserido no que se pensa pode passar despercebido, principalmente na escrita. Dessa forma, a semiologia gráfica consegue fazer no mapa a escrita do mundo, mas não consegue, de forma eficaz representar as histórias, as memórias e sentimentos do mundo, sobretudo no lugar.

Dessa forma, muito do contexto do lugar se perde diante da semiologia gráfica. Os signos utilizados por ela para a representação do mundo, controlam nossa interpretação do espaço. Olson (1997, p. 212), comenta sobre a representação: "Criar representações não é apenas registrar discursos ou elaborar recursos mnemônicos: é construir artefatos visíveis, dotados de autonomia em relação aos autores e com propriedades especiais para controlar sua interpretação".

Olson (1997, p. 289) aponta ainda, os diferentes níveis de leitura entre leituras. Que depende do cotexto e nível de experiência.

O ato da leitura tem um propósito: o leitor preocupado com as questões de fundo não tem o mesmo critério para a leitura que o leitor preocupado com a forma literária. O que o leitor vê no texto depende de seu nível de competência. Um conhecimento mais amplo

permite ao leitor encontrar no texto mais do que encontraria um leitor inexperiente.

Assim, a leitura de mapas depende do contexto, do interesse e do nível de experiência em que leitor se encontra. Desta forma, mesmo que a preocupação da iniciação cartográfica no ensino básico é pautada em aspectos teórico-metodológicos que tem como objetivo a leitura do mapa sobre o olhar da semiologia gráfica, porque, dada à complexidade e a dinamicidade do espaço geográfico, é necessário o uso de diferentes linguagens na sua análise e no seu ensino (AUDIGIER, 1992). No entanto, para que o uso dessas linguagens seja efetivo, elas devem ter a finalidade de promover alguma mudança social. Dessa forma, consideramos necessária a utilização das contribuições de diferentes linguagens e representações cartográficas no intuito de criar sentido de pertencimento ao espaço de vivência.

Assim, propomos uma análise do espaço por meio da memória. Na nossa relação com o espaço e memória que nos formamos, nos transformamos, construímos nossa identidade e sentimento de pertencimento com o espaço. É nessa relação que construímos nosso "lugares".

O ESPAÇO NO CONTEXTO DA MEMÓRIA E IDENTIDADE

A relação entre espaço e memória aparece desde os estudos da memória antiga, como aponta Smolka (2000) ao relatar os princípios para a arte da mnemotecnica:

Simonides de Céos, poeta e pintor no século V a.C., parece ter sido o primeiro a estabelecer os princípios, ou a definir as regras dessa arte. A recordação mnemônica requer 1. a lembrança e a criação de imagens na memória; 2. a organização das imagens em locais, ou lugares da memória (p. 170).

Para Yates (1966, p. 18) a intenção de relacionar memória e lugar seria para recordar de um discurso ou de uma ideia. Smolka (2000) cita a passagem do livro *Ad Herenium* que faz a relação entre espaço e memória:

A arte de memória é como uma escrita interna... os locais são como tábuas de cera ou papyrus, as imagens como letras, o arranjo e a disposição de imagens, como o script, e a fala, a recitação, como a leitura... Os lugares permanecem na memória e podem ser usados novamente, muitas vezes... (p. 171).

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procópio.**

Em um mesmo sentido, para Halbwachs (1990), “[...] não há memória coletiva que não se desenvolva em um quadro espacial” (p. 143). O autor ressalta a importância da interação social na construção da imagem dos lugares:

Quando saímos de uma galeria de pintura, e nos deparamos com um cais de um rio, a entrada de um parque ou animação da rua, experimentamos ainda a influência da sociedade dos pintores e vemos as coisas não como são, porém, tais como parecem aos que dedicam somente a delas reproduzir imagens (p. 143).

Para o autor, existe uma relação de modelagem entre espaço e grupo porque, de acordo com ele, construímos nossas impressões na relação entre grupo social e espaço pertencente.

Contudo, as imagens que criamos dentro do espaço derivam-se da experiência e da relação: dos grupos que fazemos parte e por grupos a que não pertencemos ou passamos a pertencer. Essas impressões se constroem, interpõem-se, sucedem-se e se misturam no espaço, sendo derivadas das relações sociais e subjetivas que o indivíduo experimenta.

Halbwachs (1990 p. 143) fala de como a experiência proporcionada por outros grupos influencia na construção da imagem dos lugares:

Quando saímos de uma galeria de pintura, e nos deparamos com um cais de um rio, a entrada de um parque ou animação da rua, experimentamos ainda a influência da sociedade dos pintores e vemos as coisas não como são, porém, tais como parecem aos que dedicam somente a delas reproduzir imagens.

Construímos nossas impressões de acordo com a relação: grupo social e espaço pertencente. Constituindo-se das relações do grupo com espaço e das experiências herdadas e proporcionadas por indivíduos diversos grupos que nos deparamos ao longo da vida.

Contudo, as imagens que criamos dentro do espaço derivam-se da experiência e da relação: dos grupos que fazemos partes e por grupos que não pertencemos ou passamos a pertencer. Essas impressões se constroem se interpõe, se sucede e se mistura no espaço, sendo derivadas das relações sociais e subjetivas que o indivíduo experimenta, criando imagens únicas e particulares.

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procópio.**

Halwbasch (1990, p. 134) fala sobre de espaços como pensões e escritórios que são culturalmente construídos pela sociedade e que são comuns para muitas pessoas. Tais locais, dizem muito a respeito à forma que o grupo e o que essas pessoas pensam. Em um mesmo sentido, para FOCAULT (1984), a sociedade é constituída por espaços que se relacionam e exercem poder sobre indivíduos, permeando nossa conduta, logo nossa imaginação. Por exemplo, presídio, escola, hospital, espaços para festas. Neles, na maioria das vezes, temos condutas distintas e as experiências proporcionadas dentro desses espaços molda nosso imaginário.

Outra forma que influência o modo de interpretação da relação do espaço e grupo são os acontecimentos marcantes, como mortes, guerras ou casamentos mudam a relação da maioria do grupo com o espaço. No entanto, existem grupos que se apegam muito mais ao espaço material do que a sociedade, assim, quando nos referimos a eles sempre nos referimos a pessoa como membro do grupo com o "seu" espaço. Por exemplo, o sapateiro em sua sapataria, o artesão em seu ateliê, as crianças brincando na rua ou praça, o vendedor em sua loja, entre outros. Referindo-se a essas pessoas no espaço Halwbasch 1990, p. 134, fala que:

Assim, não somente as casas e as muralhas persistem através dos séculos, mas toda a parte do grupo que está, sem cessar em contato com elas, e que confunde a sua vida com a dessas coisas, permanece impassível, por que não se interessa por aquilo na realidade, fora de seu círculo mais próximo e além de seu horizonte mais imediato. Halwbasch (1990, p. 13),

Os espaços remetem a reflexão sobre o passado, trazendo sentimentos e ações diversos as pessoas. Bosi (2004, p.443) comenta sobre a passagem de Proust ao experimentar o calçamento irregular de uma cidade.

Sacode-se um frêmito de felicidade ao experimentar sob os pés a pavimentação irregular com ao pátio dos Guernantes e ao batistério de São Marcos. Compara este sentir com a observação do presente, com investigação do passado ressecado pela inteligência, com a expectativa de um futuro que a vontade constrói do presente e do passado, dos quais extrai ainda mais a realidade, só conversando o necessário aos fins utilitários que lhes fixa.

Quando o grupo está inseridos em um espaço a muito tempo, regula as ações e pensamento pelas imagens que o representa. A mudança do lugar com o tempo e as novas experiências vividas pelo grupo podem mudar a relação entre ambiente e o homem.

Nesse contexto, não enxergamos o espaço como ele é, mas como ele parece ser. Na medida em que somos inseridos em outros grupos e espaços, levamos em conta impressões construída anteriormente e confrontamos com a experiência dos novos grupos e espaços experimentados.

Desta forma, o indivíduo reconsidera as impressões dos espaços anteriormente construídas, atualizando-as por meio da lembrança, da imaginação e do reencontro, assim como afirma Ricoeur (2003 p. 68) "Uma lembrança, à medida que se atualiza, provavelmente tende a viver numa imagem". Ainda Ricoeur (2003 p. 70) ao concluir a relação entre memória e imaginação, afirma que:

No final de nossa investigação, e a despeito das ciladas que o imaginário arma para memória, pode-se afirmar que em busca específica de verdade está implicada na visão da "coisa" passada, do que anteriormente visto, ouvido, experimentado, aprendido. Essa busca de verdade específica a memória como grandeza cognitiva. Mais precisamente, é nesse momento do reconhecimento, em que culmina o esforço da recordação, que busca de verdade se declara enquanto tal. Enquanto sentimos e sabemos alguma coisa se passou, que alguma coisa teve lugar, a qual nos implicou como agentes, como pacientes, como testemunhas. Chamemos de fidelidade essa busca de verdade.

Nessa descrição Ricoeur fala que temos uma "fidelidade" com nosso passado, na compreensão da "verdade" do presente. Considerando que temos uma relação dialética de influência com o espaço, as multiplicidades de experiências vividas fazem que as imagens se atualizem e se reelaboram no curso da vida, reformulando as impressões do espaço.

Desta forma, o espaço, assim como o tempo, se apresenta em um fluxo contínuo. Sempre que atualizamos e reformulamos as lembranças de um determinado espaço, são interpretadas dentro do nosso quadro social atual. A relação com espaço, além de serem construídas historicamente, acontece por meio de interesses e objetivos, selecionando uns e excluindo outros. Assim, quando a impressão é atualizada, considera os espaços selecionados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

No âmbito escolar, destacamos a contribuição da identidade cultural no sentido de se aproximar com a proposta de Goodson (2007). O autor propõe o

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procópio.**

“currículo como narrativa” no sentido de fundamentar-se em experiência de vida ou identidade, voltada para a aprendizagem. Sendo motivada pelo trajeto e pela busca de um sonho na elaboração de uma missão de vida. Nessa perspectiva, as manifestações espaciais servem de pressuposto indiciário para construção da cultura escolar, necessário para formação de um currículo como construção de identidades.

Quanto à aprendizagem, Goodson (2007, p. 250) discute a falta de interesse dos alunos pelos conteúdos escolares. Para o autor, as instituições trabalham em torno de um currículo prescritivo sobre o que se deve aprender, sem ter relações com a vida do aluno. Assim, o resultado do currículo prescritivo é o desinteresse e falta de engajamento.

Lestegás (2008) aproxima a Geografia Escolar e Identidade Cultural. Para o autor, a abordagem da história das disciplinas escolares, a geografia escolar considera, sobretudo, generalizações do país e, praticamente, desconsidera os contrastes e as peculiaridades regionais. Tal abordagem é justificada pelo discurso conservador de centralismo, pelo sentido de progresso indeterminado e pelo poder do estado unitário. As mudanças na sociedade contemporânea, como a globalização, os fluxos migratórios e a descentralização, contribuíram para os problemas que envolvem a identidade nacional (LESTEGÁS, 2008 p. 12).

A formação da identidade cultural está ligada ao território, a cultura e a língua representada cognitivamente ou afetivamente para o indivíduo (LESTEGÁS, 2008 p. 12). O adestramento para uma cultura desejada e proposta pela disciplina escolar faz com que os alunos construam identidades superficiais ou uma reelaboração da sua identidade. No entanto, a identidade cultural não é dada de uma vez e para sempre. É sim, um processo em formação que se constrói e reconstrói no curso da vida dos indivíduos e grupos, e se faz em diferentes facetas e circunstâncias (LESTEGÁS, 2008 p. 14).

Como produções sociais, os mapas são imagens mentais criadas pelos indivíduos (HARLEY, 1991, 2005) que sofrem influências do meio e da sociedade. Nessas relações, interpretam o espaço em sentidos constitutivo e mimético, fazem com que o mapa seja seletivo, como também aponta Massey (2008, p. 161).

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procopio.**

Considerando que o lugar é algo inacabado, contínuo e palco de múltiplas histórias que acontecem simultaneamente com múltiplas influências a todo o momento (MASSEY, 2008), o estudo do lugar, da memória dos moradores de uma localidade, dos registros guardados como documentos de identidade, nas gavetas e nos corações, pode vir a contribuir para o estudo da Geografia escolar.

Considerar as impressões dos alunos sobre a localidade, seu espaço de vivência, pode proporcionar um ensino de Geografia mais significativo em que as diversas linguagens contribuam efetivamente para uma aprendizagem espacial maior tão necessária para a vida em comunidade.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AUDIGIER, François. La construction de l'espace géographique: propos d'étape sur une recherche en cours / Construction of geographic space: stage words on research in progress. In: **Revue de géographie de Lyon**. Vol. 67 n°2, 1992. 121-129 p.

BENEDICT, Anderson. **Comunidades Imaginadas**. Companhia de Letras: São Paulo, 2008.

BARTLETT, Frederic Charles. **Remembering**: a study in experimental and social psychology. Cambridge University Press: Cambridge, 1932.

BOSI, Ecléa. Memória e Sociedade: lembranças de velhos – 3ª edição – São Paulo: Companhia de Letras, 1994.

CANDAU, Joel. **Memória e Identidade**. Contexto: São Paulo, 2012.

CRAMPTON, Jeremy W.; KRYGIER, John. **Uma introdução à cartografia crítica**. In.: ACSELRAD, Henri (org). Cartografias sociais e Território. Rio de Janeiro. Ed. UFRJ. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização, introdução e revisão técnica Roberto Machado, 1977.

_____. **De outros espaços**: Heterotopias. In Architecture, Mouvement, Continuité, n°5, outubro 1984, p. 46-49.

GIRARDI, Gisele. Mapas alternativos e educação geográfica. **Revista Percursos**, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 39-51, jul./dez. 2012.

GOODSON, Ivor. Currículo, narrativa e futuro social. Tradução: Eurize Caldas Pessanha e Marta Banducci Rahe. **Revista Brasileira de Educação**, v. 12 n. 35

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procopio.**

maio/ago. 2007.

HALBWACHS, Maurice. **A memória coletiva**. São Paulo: Vértice, 1990

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Tradução Tomáz Tadeu da Silva e Guacira Lopes Louro. 7. ed. Rio de Janeiro: DP & A, 2003.

HARLEY, J. Brian. Um Cambio de Perspectiva. **Mapas y Cartógrafos: El Correo de La Unesco**, Ano XLIV, p. 10-14, jun. 1991.

_____. **La nueve naturaleza de lós mapas**. Ensayos sobre la história de la cartografía. Traducción Leticia Garcia Cortés y Juan Carlos Rodríguez. México: FCE, 2005.

LARROSA, Jorge. **Notas sobre narrativa e identidade**. In: ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto (Org.). A aventura (auto) biográfica: teoria e empiria. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

LESTEGÁS, Francisco Rodríguez. La construcción de identidades, tarea atribuida a la escuela y al profesorado. **REIFOP**, v. 11, n. 1, p. 11-18, 2008.

LOWENTHAL, David. Como conhecemos o passado. **Projeto História – PUC-SP**. São Paulo: nº 17 p. 66-105, 1998.

MASSEY, Doreen. **Pelo Espaço**: uma nova política de espacialidade. Tradução Hilda Pareto Maciel e Rogério Haesbaert. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2008.

OLIVEIRA JR., Wenceslau Machado. Mapas em Deriva: imaginação e cartografia escolar. **Revista Geografares**, n. 12, p. 1-49, jul. 2012.

PEARCE, Margaret Wickens. **Place codes**: narrative and dialogical strategies for cartography. 35 (1):1-11. 2008.

PERKINS, Crhis. **Cartography - cultures of mapping**: power in practice. Progress in Human Geography: 2004 (28,3). 381 -391 p.

POLLAK, Michael. Memória e identidade social. **Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, n. 10, v. 5. Estudos culturais. Petrópolis: Vozes, 73-102 p.1992

RICOEUR, Paul. A memória, a história, o esquecimento. Editora Unicamp: Campinas, 2003.

OLSON. David. **O mundo no papel**: as implicações conceituais e cognitivas da leitura e da escrita. São Paulo: Ática, 1997.

SMOLKA, Ana Luiza Bustamante. A memória em questão: uma perspectiva histórico cultural. Educação e Sociedade, n. 71. Campinas: Centro de Estudos Educação e Sociedade – CEDES, Unicamp, 2000.

**III Simpósio Nacional sobre Pequenas Cidades, II Simpósio de Geografia,
X Semana de Geografia da UENP e I Mostra do Pibic Geografia.
Universidade Estadual do Norte do Paraná, câmpus de Cornélio Procópio.**

WOOD, Denis. What makes a map a map? **Cartographica**. 30 (2-3), 81-86 p. 1992

YATES, Frances Amélia. The art of memory. Chicago: The University of Chicago Press. 1966.

